

FLU, março 48

~~FLU~~

RN225

CM 49/7/54

M 139

M 538

Radio 3.6.61

DN - 29.9.67

Ele e Ela No 103

## O Joelho da Môça

Rubem Braga

**E**NTÃO a môça caiu e ralou o joelho esquerdo; estava com as pernas nuas. Ele a ergueu, fê-la sentar-se em um banco, tirou o lenço limpo, foi embê-lo na água da pequena bica e limpou o ferimento.

Sentiu prazer em fazer isso: no joelho moreno havia a mancha vermelha; o sangue não fluía, mas estava ali, sob a pele rarefeita, e porejava sutilmente. Foi novamente embeber o lenço, mas não o passou sobre o ferimento; apenas o premiu de leve e o retirou: no lenço ficou uma pequena mancha de sangue, tão leve que era apenas rosada.

Ficou um instante a olhar o joelho, e pensando como são diferentes os joelhos das mulheres; há homens que não são atentos a joelhos, nem repararam como eles mudam de personalidade quando a perna se estende ou se dobra, ou melhor, como a personalidade de cada um depende de sua mudança nesse jôgo.

Aquêle não era agudo nem largo, nem muito alto, era um joelho suave, mas com algo de poderoso, mais do que faria prever a delicadeza daquela môça. Ficaria estranho se demorasse mais o olhar, a môça pensaria que êle estava olhando a coxa — ela erguera um pouco a saia branca. Depois passaram por uma farmácia, e êle insistiu em que ela passasse um pouco de mercúrio-cromo, mas isso foi o rapaz da farmácia que fêz. Perguntou quanto era, o rapaz disse que não era nada; saíram.

Andando, êle não podia ver o joelho da môça; levou-a para o terraço de um bar; não sentou a seu lado, mas defronte, afastando um pouco a cadeira, e só quando vieram os dois copos de suco de laranja e êle se curvou para beber, é que olhou o joelho. Ela cruzara as pernas, e o joelho ferido, com aquela mancha viva do mercúrio-cromo, parecia mais alto, quase sensacional, sobre o outro.

Começou a conversar alguma coisa — não quisera açúcar, e o suco de laranja estava ácido, e isso lhe fazia bem à boca entediada do gôsto de cigarro — e assim, olhando-a nos olhos, procurava se livrar daquela vontade de olhar o joelho, de segurá-lo com a mão — primeiro pela frente, na rótula, nas duas depressões que dão a todo joelho um vago ar bovino — mesmo porque um joelho é manso e trabalhador como um boi — depois dos lados, onde há, como que um cabo, de osso ou cartilagem, tenso, ao mesmo tempo duro e elástico, fugindo sob a pele quando se o prende com a mão — depois atrás, onde a pele é mais alva e fina, onde há um calor de segredo, como no pescoço de um cavalo, o calor do sangue passando, o inocente calor animal.

A môça contara alguma coisa e ela mesmo ria, e êle ficou um instante imaginando — o nariz dela se franzia um pouco no riso, e os olhos verdes, apertados, brilhavam, e os dentes eram pequenos e muito brancos na boca rubra — imaginando que ela o acharia meio louco e talvez engraçado se êle dissesse o que estava pensando, uma coisa assim: «eu tenho uma grande amizade pelo seu joelho esquerdo».

DN 29.9.67

367